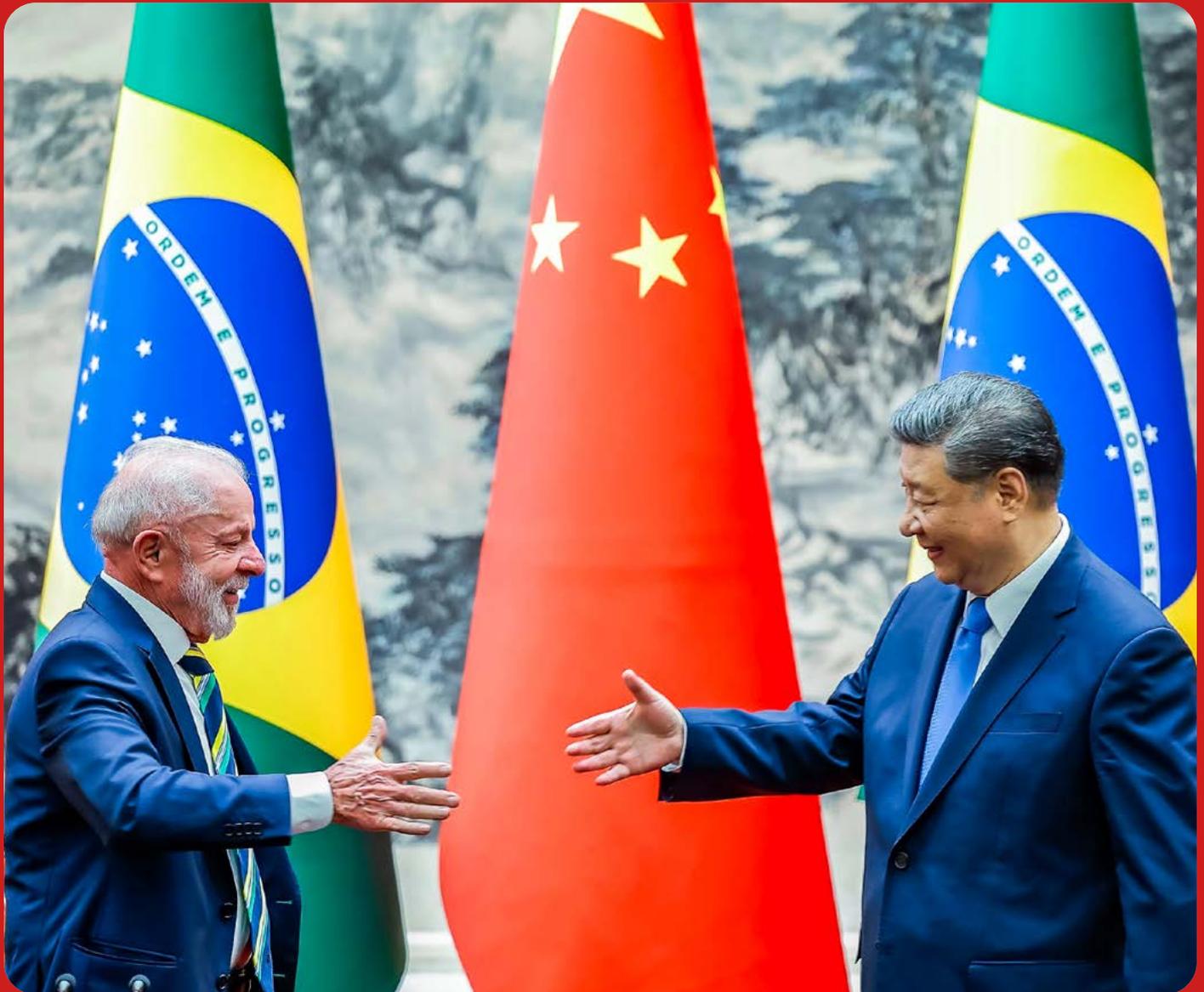


BRASIL E CHINA: PARCERIA ESTRATÉGICA



Ricardo Stuckert / PR

Na China, Lula consolida uma nova etapa da parceria estratégica Brasil-China, com foco em reindustrialização, transição energética e desenvolvimento sustentável. São R\$ 27 bilhões em investimentos que reafirmam o protagonismo do Brasil no Sul Global

focus
BRASIL

Fundação Perseu Abramo 13 de maio de 2025 Nº 189

Parceria
Brasil-China
atrai R\$ 27
bilhões em
investimentos

Lula na 'The
New Yorker':
liderando
em um
mundo em
mudança

FPA abre
inscrições
para
formação de
militância
em base

Morre
José Mujica,
ex-presidente
do Uruguai,
aos 89 anos



>> PROGRAMA
Reconexão Periferias

exibido quinzenalmente, às terças, 17h no canal da FPA

▶ ACOMPANHE : [▶/FundacaoPerseuAbramo](https://www.youtube.com/FundacaoPerseuAbramo)



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

focus
BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: Pedro Camarão

Coordenador editorial: Guto Alves

Diagramação e Arte: Nathalie Nascimento

Colaboradores: Claudia Rocha, Fernanda Estima,
Fernanda Otero, Henrique Nunes



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Paulo Okamoto

Vice-presidente: Brenno César Gomes de Almeida

Diretoras: Elen Coutinho, Mônica Valente e Naiara Raiol

Diretores: Alberto Cantalice, Alexandre
Macedo de Oliveira, Carlos Henrique Áraabe,
Jorge Bittar e Valter Pomar

CONSELHO CURADOR

Presidenta: Eleonora Menicucci

Conselheiros: Ana Carolina Moura Melo Dartora, Ana Maria de Carvalho Fontenele, Arthur Chioro, Azilton Ferreira Viana, Camila Vieira dos Santos, Dilson de Moura Peixoto Filho, Eliane Aquino Custódio, Elisa Guaraná de Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de Oliveira Andrade, Fernando Damata Pimentel, Fernando Dantas Ferro, Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada Lopes, José Roberto Paludo, José Zunga Alves de Lima, Laís Wendel Abramo, Luciano Cartaxo Pires de Sá, Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de Moura, Nabil Georges Bonduki, Nilma Lino Gomes, Paulo Gabriel Soledade Nacif, Pedro Silva Barros, Sandra Maria Sales Fagundes, Sergio Nobre, Tereza Helena Gabrielli Barreto, Vladimir de Paula Brito.

SETORIAIS

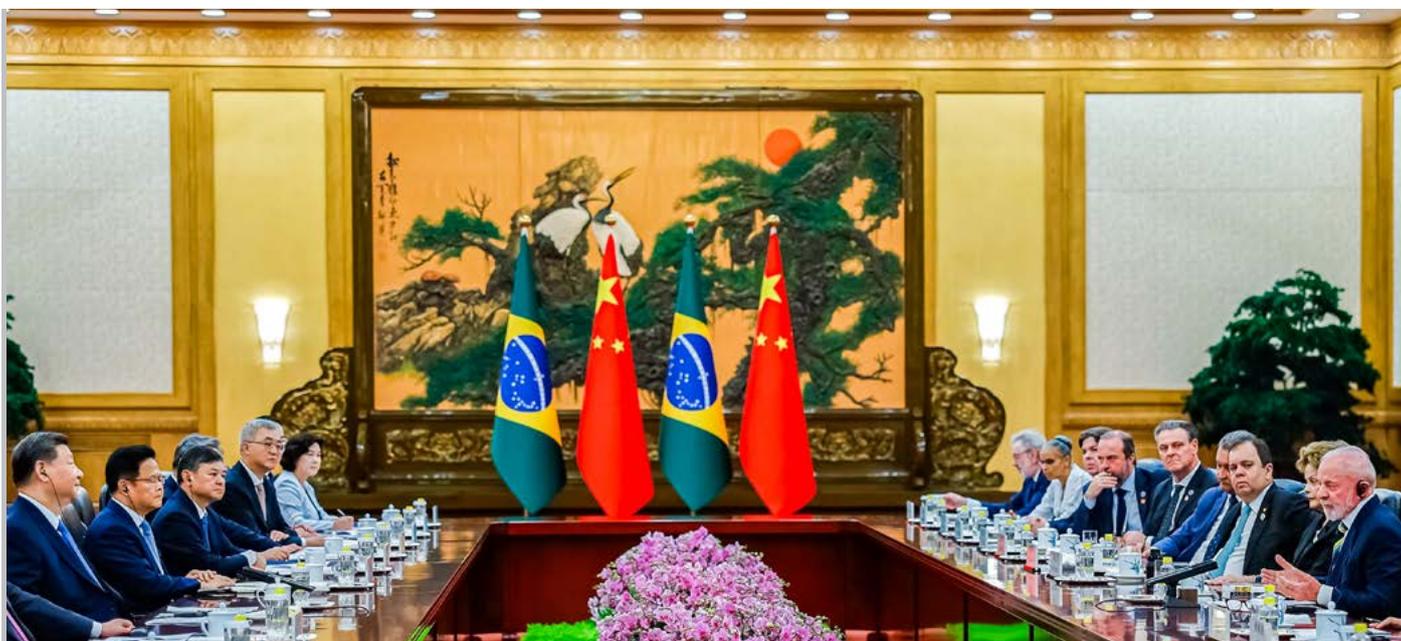
Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário), Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas (Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo (Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína Barbosa de Oliveira (LGBT), Anne Moura (Mulheres), Nádia Garcia (Juventude) Nilto Ignacio Tatto (Meio Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência), Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana
São Paulo (SP) – CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338



FUTURO EM VISTA

Durante visita à China, Lula firma 20 novos acordos que elevam a parceria com o país asiático a um novo patamar. Investimentos de R\$ 27 bilhões priorizam reindustrialização verde, inovação tecnológica e o fortalecimento da presença brasileira nas cadeias globais de valor. **pág. 04**

AVANÇO

Acordos com empresas chinesas impulsionam indústria da saúde no Brasil

pág. 06

BRASIL

BNDES Periferias lança editais para projetos em favelas e comunidades

pág. 07

POLÍTICA

Bolsonaro na UTI: o reality show do ex-presidente investigado por golpismo

pág. 09

PT

Lula na 'New Yorker': presidente enfrenta um mundo em transformação

pág. 10

PT

Lula na 'New Yorker': presidente enfrenta um mundo em transformação

pág. 14

BASE

Com inscrições abertas, serviço da FPA apoia militância para trabalho de base

pág. 15

FORMAÇÃO

Fundação Perseu Abramo promove seminário sobre BRICS com participação de Dilma

pág. 17

ONLINE

Curso da FPA "Fé e democracia para militância evangélica brasileira" começa

pág. 18

OBITUÁRIO

Morre Pepe Mujica, o herói da simplicidade, ex-presidente do Uruguai

pág. 21

PAZ

Lula propõe mediação de paz na Ucrânia e critica corrida armamentista

pág. 23

CESSAR-FOGO

Índia e Paquistão estabelecem cessar-fogo após ataques em Caxemira

pág. 24

CULTURA

Baixe grátis 4 biografias da esquerda brasileira no site da FPA

pág. 25



Ricardo Stuckert / PR

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva se encontra com Xi Jinping, o líder chinês, na abertura do IV Fórum CELAC-China

Um novo capítulo nas relações Brasil-China: parceria estratégica trará R\$ 27 bilhões em investimentos

Visita de Estado de Lula consolida cooperação em setores estratégicos e reforça papel do Brasil na construção da ordem global multipolar

Redação Focus Brasil

A visita oficial do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à China, iniciada no último domingo (11), marca um ponto de inflexão na política externa brasileira e no aprofundamento da parceria estratégica com a segunda maior economia do mundo. Durante dois dias de compromissos, Lula participou do IV Fórum da CELAC-China, do Fórum Empresarial Brasil-China e de reuniões bilaterais com líderes

e executivos de empresas estratégicas, que resultaram em acordos e investimentos na ordem de R\$ 27 bilhões para o Brasil.

O encontro ocorre em um momento-chave para o reposicionamento do Brasil no cenário internacional, com foco na reindustrialização verde, segurança alimentar, ciência e tecnologia, além do fortalecimento do comércio sul-sul. A China, hoje principal parceiro comercial do Brasil, se consolida também como investidor direto em setores estratégicos como energia, infraestrutura, defesa e saúde.

Na abertura do IV Fórum CE-

LAC-China, realizado em Pequim, Lula destacou o papel do Brasil e da América Latina na construção de uma nova governança global. Em seu discurso, o presidente reforçou a necessidade de uma ordem internacional mais inclusiva, multipolar e soberana, baseada em respeito mútuo e desenvolvimento sustentável.

Lula criticou a persistência de “formas colonizadas de pensar a política e a economia” e propôs uma aliança de interesses entre China e América Latina para enfrentar os desafios da fome, da pobreza e da emergência climática. O presidente também celebrou os

20 anos da CELAC e a relação de confiança com a China, firmada desde o primeiro mandato de seu governo, em 2004.

“A luta contra a fome, a pobreza e as mudanças climáticas exige maior protagonismo do Sul Global. A China tem papel essencial nesse processo, e a América Latina deve ser tratada como parceira, não como zona de influência”, declarou Lula.

Fórum Empresarial: investimentos e acordos estratégicos

No Fórum Empresarial Brasil-China, realizado também na capital chinesa, foram firmados acordos em áreas de ponta, como energia sustentável, conectividade digital, infraestrutura e indústria. Um dos destaques foi o anúncio de um investimento de US\$ 1 bilhão para a produção de SAF (combustível sustentável para aviação), liderado pela Envision Group.

Outro resultado concreto foi a criação de um Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em energia renovável, em parceria entre a Windey Technology e o SENAI CIMATEC. Já na área da saúde, o Brasil firmou acordos para a construção de uma plataforma nacional de produção de Insumos Farmacêuticos Ativos (IFAs) e o desenvolvimento de vacinas e equipamentos médicos de ponta, como os da empresa VMI.

Em seu discurso de encerramento do Fórum, Lula reafirmou o compromisso do Brasil com uma reindustrialização verde, digital e inclusiva. Ele ressaltou que o programa Nova Indústria Brasil oferece uma base sólida para parcerias com empresas chinesas e que o país voltou a ser atrativo para investimentos estrangeiros, graças ao restabelecimento da capacidade de planejamento do Estado e à estabilidade institucional.



Ricardo Stuckert / PR

“O Brasil recuperou sua credibilidade. Aprovamos uma Reforma Tributária histórica, com o apoio do Congresso, que trará mais racionalidade e segurança para investidores. A China saltou da 14ª para a 5ª posição entre os que mais investem diretamente em nosso país. Estamos prontos para dar o próximo passo”, afirmou Lula.

A visita reforça o alinhamento diplomático entre Brasil e China em fóruns multilaterais, como o BRICS, o G20, a OMC e o grupo BASIC, que atua em questões climáticas. A reunião entre Lula e o presidente chinês Xi Jinping, marcada para esta terça-feira (13), deve consolidar sinergias entre os programas nacionais de desenvolvimento e intensificar a coordenação nos principais debates globais — com destaque para a COP30, que será realizada em Belém (PA), em novembro.

Lula e Xi Jinping devem ainda

discutir a ampliação da infraestrutura de conectividade digital, a expansão do comércio de alimentos e minerais, e novos mecanismos de financiamento para projetos de desenvolvimento sustentável.

Meio século de parceria e futuro comum

Ao completar 50 anos de relações diplomáticas, Brasil e China não apenas ampliam o intercâmbio comercial, como reafirmam a construção de uma parceria estratégica de longo prazo, alicerçada em confiança mútua, complementaridade econômica e objetivos comuns para o século XXI.

“Brasil e China são atores incontornáveis nos grandes temas globais. Estamos unidos pela vontade de criar um mundo mais justo, multipolar e sustentável. Hoje colhemos os frutos do que começamos a plantar juntos há duas décadas”, concluiu Lula. ■



Acordos com empresas chinesas impulsionam indústria da saúde no Brasil

Parcerias bilaterais preveem criação de centro de vacinas, produção nacional de insumos farmacêuticos e hospital inteligente com tecnologia chinesa.

Redação, com informações do Planalto

Durante sua visita oficial à China, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva participou nesta segunda-feira (12) de reuniões estratégicas com representantes de empresas chinesas do setor de saúde. O encontro resultou na assinatura de três eixos

de acordos que reforçam a soberania sanitária brasileira e impulsionam o Complexo Econômico-Industrial da Saúde.

Os destaques são a criação do iBRID — Instituto Brasil-China para Inovação em Biotecnologia —, parceria entre a Eurofarma e a Sinovac Biotech, voltado à pesquisa de vacinas, terapias celulares e genéticas; e a instalação de uma plataforma industrial de Insumos Farmacêuticos Ativos (IFAs), com controle nacional, em cooperação

com a Nortec Química e a chinesa Aurisco.

Além disso, a visita acelerou três frentes de cooperação já em curso: a produção nacional de insulina glargina com entrega de 20 milhões de unidades ainda em 2025; o avanço no desenvolvimento da vacina contra a dengue; e um projeto para implantação no Brasil de um hospital inteligente baseado em inteligência artificial, em parceria com universidades chinesas e o Banco do BRICS. ■



Tânia Régio/Agência Brasil

Aglomerado de casas das favelas do Complexo do Alemão, zona norte da cidade, do Rio de Janeiro em 26 de dezembro de 2024

BNDES Periferias lança editais que destinam R\$ 135 milhões a projetos em favelas e comunidades

Apoyo busca fortalecer inclusão produtiva nos territórios e ampliar atuação de Organizações Sociais Periféricas

Rose Silva

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) apresentou, em abril, uma nova frente de apoio a projetos de recuperação, conservação e preservação ambiental com foco na inclusão produtiva: a Periferias Verdes. Na mesma ocasião, lançou dois editais de seleção pública de parceiros executores da Periferias Fortes, voltados à capacitação de organizações sociais

que atuam em comunidades e regiões periféricas das regiões Norte e Nordeste.

A iniciativa BNDES Periferias reflete o novo direcionamento estratégico do banco, com ênfase em inclusão e diversidade.

“O objetivo é construir ações estruturantes, com escala e impacto, que contribuam para a superação de desafios e a valorização das potencialidades de favelas e periferias urbanas. Com isso, o Banco estimula que periferias ur-

banas e suas populações tragam um novo olhar para a diversidade e redução das desigualdades, associado às políticas públicas da Secretaria Nacional de Periferias e Favelas do Presidente Lula”, afirma a diretora Socioambiental do BNDES, Tereza Campello.

Para atuar dessa forma, o BNDES reorganizou sua estrutura interna e criou a Área de Desenvolvimento Social e Gestão Pública. O fortalecimento das agendas social e ambiental deu protago-



“Queremos que as periferias sejam protagonistas de soluções para o Brasil que estamos reconstruindo”, diz Tereza Campello, diretora socioambiental do BNDES.

nismo ao apoio às periferias.

“Isso representou uma ampliação da atuação do banco em inclusão produtiva, indo além das históricas ações de fomento da agricultura familiar, como a implantação de cisternas no Semiárido; o Programa de Fortalecimento e Ampliação das Redes de Agroecologia, Extrativismo e Produção Orgânica (Ecoforte); e o apoio a catadores de materiais recicláveis”, explica Campello.

O BNDES Periferias combina abrangência nacional com ações específicas para determinadas regiões. Dos R\$ 235 milhões anunciados nas chamadas e editais, R\$ 200 milhões contemplam todas as regiões do Brasil. O restante foi reservado ao edital BNDES Periferias Fortes, focado no fortalecimento institucional de organizações das regiões Norte e Nordeste.

Essa priorização leva em conta que as organizações sociais do Norte e Nordeste têm mais dificuldade de acesso direto aos recursos do Fundo Socioambiental do BNDES. Além disso, dos dez municípios com as maiores populações vivendo em favelas, sete estão nessas duas regiões. E entre os 50 municípios com maior per-

centual da população residindo em comunidades urbanas, 68% também estão no Norte e Nordeste.

“O critério regional direciona esforços para territórios com piores condições de vida, maiores necessidades de organização institucional e que tendem a enfren-

tar dificuldades no acesso a recursos e políticas públicas”, pontua Campello.

Frentes de apoio:

Periferias Verdes e Fortes

Com inscrições abertas até 30 de maio, essa frente contará com R\$ 50 milhões para projetos ambientais que integrem inclusão produtiva da população local, com ações de economia circular, agricultura urbana e resiliência climática. Outros R\$ 50 milhões da chamada serão destinados aos projetos das frentes Polo BNDES Periferias e BNDES Periferias Empreendedoras. A chamada em curso altera o percentual de contrapartida de 50% para 10% no caso de entidades sem fins lucrativos não empresariais e/ou sem acesso a recursos recorrentes, ampliando o alcance da política.

Um dos editais, com valor de R\$ 17,5 milhões, selecionará parceiro executor para implementar ações de fortalecimento institucional nos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins. O outro edital, também de R\$ 17,5 milhões, contemplará as ações nos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. ■

**Com editais
voltados
ao Norte e
Nordeste, BNDES
amplia apoio a
organizações
sociais
periféricas
e projetos
ambientais
locais.**

Bolsonaro na UTI: o reality show sem fim do ex-presidente investigado por golpismo

Ex-presidente transmitiu vídeos da UTI, recebeu visitas políticas e expôs procedimentos médicos, transformando um ambiente reservado em espetáculo político e midiático

Fernanda Otero

Durante a pandemia de COVID-19, o então presidente Jair Bolsonaro minimizou a gravidade da crise sanitária, chegando a imitar pacientes em UTIs com falta de ar, enquanto questionava os brasileiros: “E daí? Querem que eu faça o quê? Não sou cozeiro”.

Anos depois, já como ex-presidente e réu no Supremo Tribunal Federal (STF) por tentativa de golpe de Estado, Bolsonaro alegou incapacidade e desumanidade ao ser intimado no quarto de luxo em que estava internado — mesmo após participar de uma live direto da UTI.

A intimação, autorizada pelo ministro Alexandre de Moraes, ocorreu no dia 23 de abril no hospital DF Star, em Brasília, onde ele estava internado desde 12 de abril. O STF justificou a decisão afirmando que a transmissão ao vivo demonstrava sua condição de responder à Justiça. Em nota, a defesa de Bolsonaro criticou a medida, questionando sua “necessidade e urgência” e destacando que o ex-presidente nunca teria se esquivado de cumprir obrigações processuais.

A intimação, no entanto, não foi o ponto alto da internação do ex-presidente. Em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do hospital de luxo DF Star, da rede D’Or, o episódio transformou-se em um espetáculo midiático da pior qualidade — para não dizer

macabro. Jair Bolsonaro ficou internado por três semanas no local e teve alta no dia 4 de maio. Longe de ser um tratamento médico discreto, o episódio virou uma peça de propaganda política, marcada pela espetacularização da saúde e pela exposição extrema do ex-presidente.

Reality show macabro

Desde o primeiro momento, tudo parecia calculado. Jair Bolsonaro apareceu em fotos sem camisa, exibindo cicatrizes da facada de 2018 e das sucessivas cirurgias. Enquanto isso, na frente do hospital, o líder do PL na Câmara, deputado Sóstenes Cavalcante (RJ), reuniu parlamentares para uma oração em favor do ex-presidente.

A cena representou — ou melhor, todo o conjunto da obra — um constrangimento para a direção do hospital, que tolerou uma série de atos incompatíveis com o ambiente hospitalar. Seu quarto de UTI virou palco de lives nas quais Bolsonaro atacou o Supremo Tribunal Federal (STF), repetiu acusações contra o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e defendeu os envolvidos no 8 de janeiro.

A situação ultrapassou o campo político. Em uma das transmissões, organizada pelo senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), o ex-presidente fez propaganda de um capacete fabricado por uma empresa da qual é sócio junto com o filho.

Em uma publicação em seu perfil no ‘X’, enquanto tinha removida a sonda nasoesférica — cena repugnante —, o texto alertava que as “cenas são fortes”, mas

pedia aos seguidores: “assista”. Na mesma postagem, lia-se que a “cirurgia ainda é consequência da real tentativa de homicídio de Adélio Bispo (lulista, antigo militante do Psol, o homem mais protegido do Sistema do Brasil)”.

Quando se imaginava que o show havia terminado, uma nova foto do “capitão” durante a cirurgia foi publicada na semana do dia 3 de maio. O conteúdo não exibiu aviso de “conteúdo sensível” — o que seria o mínimo esperado para postagens do tipo.

Procurada pela reportagem da Focus para comentar a sindicância e os excessos cometidos na UTI, a Rede D’Or não respondeu até o fechamento desta edição.

Investigação no CRM-DF

Em nota enviada à Focus Brasil, o Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal explicou que “as unidades de terapia intensiva (UTIs) acolhem pacientes em condições de saúde delicadas, exigindo ambientes rigorosamente controlados para favorecer a recuperação. O aumento no número de pessoas circulando nesses espaços pode comprometer a evolução clínica dos pacientes e aumentar o risco de infecções hospitalares. Por isso, cabe à instituição — especialmente ao Núcleo de Controle de Infecção Hospitalar — estabelecer critérios claros sobre a quantidade de pessoas e quem pode acessar a unidade, de acordo com as normativas legais vigentes no país”.

O CRM-DF esclareceu que irá apurar os fatos ocorridos no Hospital DF Star, mas que “tais procedimentos são amparados pelo sigilo processual”. ■



Perfil de Lula na ‘New Yorker’: presidente brasileiro enfrenta um mundo em transformação

Luiz Inácio Lula da Silva fala sobre Trump, Putin e a ordem global em colapso

Jon Lee Anderson, publicado originalmente na revista New Yorker

Não muito tempo atrás, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva me recebeu em seu gabinete em Brasília e compartilhou um sonho perturbador que tivera. Nos meses anteriores, Lula havia completado 79 anos e passado por uma cirurgia de emergência para tratar uma

hemorragia cerebral e, embora parecesse em forma e saudável quando nos encontramos, estava reflexivo. Ele havia sonhado na noite anterior com seu antecessor José Sarney, agora com 94 anos. Sarney é uma figura reconhecida no Brasil: na década 1980, tornou-se o primeiro Presidente do país a tomar posse após duas décadas de regime militar. “No meu sonho, ele veio à minha casa e dormiu no chão, e de manhã eu fiz café para ele”, disse Lula. “Acordei preocupado, imaginando se algo havia acontecido com ele du-

rante a noite”.

Sarney estava bem, mas não por acaso, Lula estava preocupado com um símbolo da democracia. Ele me disse que todo o sistema ocidental estava ameaçado. “A democracia com a qual aprendemos a conviver depois da Segunda Guerra Mundial, o funcionamento do multilateralismo como um papel importante nas relações entre os estados, o respeito à diversidade, a soberania de cada país estão agora desaparecendo”, disse ele. “O que vem depois, não sabemos.” Toda a ordem pós-Segunda

Guerra Mundial, criada em grande parte pela intervenção dos Estados Unidos, parece à beira do colapso. “Pensávamos que estávamos criando uma sociedade mais civilizada, mais solidária, mais humana”, disse ele. “O resultado é pior: é como se houvesse um buraco, e quando você abre a tampa, as pessoas más saíram.” “The result is worse. It’s as if there is a lamp, and when you open the lid the evil people come out.” (acho que temos que tirar essa frase, não dá pra saber o que ele disse)

Lula construiu uma carreira com princípios de esquerda inabaláveis, mas também sempre se orgulhou de sua capacidade de se dar bem com uma variedade de líderes. Agora, porém, confessou estar perplexo com os populistas de direita e antiglobalistas ganhando poder ao redor do mundo. Na Assembleia Geral das Nações Unidas em setembro passado, ele tentou organizar uma reunião de presidentes progressistas. “Quando nos sentamos para fazer a lista, descobri que não havia mais progressistas!”, disse ele. Na América Latina, restam apenas um pequeno grupo de líderes de esquerda, incluindo Gustavo Petro, da Colômbia, Gabriel Boric, do Chile, e Claudia Sheinbaum, do México. “Para evitar que a reunião ficasse muito pequena, mudei ‘progressistas’ para ‘democratas’, para poder convidar Biden, Macron e outras pessoas”, explicou Lula. “Tivemos duas reuniões desde então, para discutir como criar uma narrativa para justificar a importância do sistema democrático como a melhor coisa já criada para a coexistência da humanidade — um sistema com regras, onde todos têm direitos e os direitos de alguém terminam quando infringem os direitos dos outros. Foi o que funcionou no mundo. Monarquias, impérios — não funcionaram. O nazismo não funcionou. O comu-

nismo de Stalin não funcionou.”

Tanto em seu país quando nos EUA, ele sugere que grandes parcelas da população parecem ter perdido o contato com a realidade. “Há pessoas que acreditam em coisas que todos deveriam entender que são mentiras, de tão absurdas”, disse-me ele. “E minha preocupação é como vamos construir uma narrativa para destruir isso.” O preocupante, disse ele, é que “ainda não temos uma resposta”.

Parte do problema é econômico, diz ele. “A democracia começa a cair quando não atende mais aos interesses do povo. Desde 1980, a classe trabalhadora nos países que construíram o estado de bem-estar social só perdeu, enquanto a concentração de renda aumentou. Então, que resposta podemos dar à sociedade brasileira? E à sociedade alemã e americana?” Havia também uma questão de liderança. “Os EUA eram o espelho da democracia, o pilar da democracia para o planeta”, disse ele. “Apesar de ser o país que trava mais guerras, é o país que mais fala em paz, o que mais fala em democracia. E, no entanto, agora há Trump, que às vezes se comporta como—” Lula se interrompe, depois segue. “Vi um discurso dele no Congresso dos EUA recentemente, e foi absurdo — aqueles republicanos aplaudindo qualquer bobagem que ele dissesse. Era quase o mesmo tipo de discurso que os anarquistas costumavam fazer na Itália e no Brasil no início do século, defendendo uma sociedade sem instituições, uma sociedade onde o império do capital governa.”

O Presidente Donald Trump deixou claras as suas intenções intervencionistas em relação à América Latina assim que reassumiu o cargo; no seu discurso de posse, prometeu “retomar” o Canal do Panamá. Desde então, a maioria dos líderes da região

tem lidado com Washington com muita cautela. Os populistas de direita esforçaram-se para exibir a sua lealdade e afinidade. Javier Milei — um liberal extremista que cortou metade dos ministérios do governo da Argentina — deu a Elon Musk uma motosserra gravada e saudou Trump como “um dos dois políticos mais relevantes do planeta Terra” (o outro, claro, sendo ele próprio). Ele foi recompensado com o apoio dos EUA a um empréstimo de US\$ 20 bilhões do Fundo Monetário Internacional e elogios de Trump, que disse que Milei está fazendo um “trabalho fantástico”.

Em El Salvador, o presidente Nayib Bukele ofereceu-se para receber migrantes indesejados deportados pelos EUA, que seriam mantidos em uma prisão terrível, um verdadeiro inferno. Durante uma visita recente ao Salão Oval, Bukele e Trump trocaram piadas arrogantes sobre o acordo, com Trump dizendo que gostaria de deportar também os “nativos problemáticos”, enquanto Bukele zombou da ideia de devolver aos EUA o migrante Kilmar Abrego Garcia, que havia sido deportado por engano.

Entre os líderes de esquerda da região, o colombiano Petro foi o primeiro a resistir a Trump. Depois de se recusar a permitir que aviões militares dos EUA transportando deportados pousassem na Colômbia, ele sugeriu em suas redes sociais que Trump era um “senhor de escravos brancos”, ao mesmo tempo em que se comparava ao Coronel Aureliano Buendía, o herói condenado de “Cem Anos de Solidão”. Trump retaliou anunciando tarifas punitivas e uma proibição geral de vistos americanos para funcionários colombianos. Em poucas horas, Petro recuou, e sua humilhação serviu de lição objetiva para outros líderes. Within hours, Petro had relented, and his humiliation pro-

vided an object lesson for other leaders.

Em março, uma empresa de Hong Kong chamada CK Hutchison Holdings concordou em vender seus portos no Canal do Panamá para um consórcio liderado pela empresa de investimentos americana BlackRock. Trump rapidamente alegou que estava efetivamente reassumindo o controle do canal. O presidente do Panamá, José Raúl Mulino, tentou salvar sua dignidade com declarações públicas desafiadoras, mas sucumbiu principalmente à pressão de Washington. No mês passado, o Panamá e os EUA assinaram um acordo de cooperação de segurança ampliado que permite que as forças armadas americanas ocupem várias ex-bases militares ao longo da zona do canal. Em uma declaração conjunta sobre o novo relacionamento de segurança, divulgada durante uma visita do secretário de Defesa Pete Hegseth, uma frase reconhecendo o respeito dos EUA pela soberania do Panamá foi intencionalmente excluída da versão em inglês. Os panamenhos ficaram frustrados e um amigo de lá me escreveu: “Mulino não parou de ‘abanar o rabo’ para Trump em troca de nada”.

Lula e Gabriel Boric, do Chile, têm sido os líderes latino-americanos mais francos. Em uma recente visita de estado à Índia, Boric descreveu a posse de Trump, com bilionários da Big Tech “prestando homenagem a um novo aspirante a imperador”, como algo que “remete a uma era passada”. Ele criticou as tarifas como “irracionais” e “insustentáveis”.

Embora a principal commodity de exportação de seu país, o cobre, tivesse até agora sido isenta, Boric prometeu buscar novos acordos comerciais com a Índia, o Japão entre outros. Ele alertou que, se Trump impusesse tarifas sobre o cobre do Chile — onze por cento do qual foi para os EUA no ano passado — o custo mais alto acabaria sendo repassado aos consumidores americanos. “A lei do mais forte tem pernas curtas”, disse ele.

**Em poucas horas,
Petro recuou, e sua
humilhação serviu de
lição objetiva para outros
líderes. Within hours,
Petro had relented, and
his humiliation provided
an object lesson for
other leaders**

Lula sabe que sua coalizão é frágil. Em um discurso recente, ele disse: “Os presidentes dos países sul-americanos devem entender que somos muito fracos se estivermos isolados”. Quando o vi em Brasília, ele fez um apelo por maior cooperação internacional. “Temos que convencer o mundo de que não é possível acabar com o multilateralismo”, disse ele. “O multilateralismo era uma forma de civilidade encontrada entre os estados para coexistir pacifica-

mente, com regras que todos devem seguir”, continuou. “Já está provado que, se não controlarmos o ar, todos serão vítimas da poluição do ar. Se o mar subir, todos serão vítimas. Os líderes mais importantes do mundo ainda não preceberam que precisamos de uma governança global para tomar algumas decisões globalmente.”

Ele observa que o meio ambiente está entre as questões globais mais urgentes, mas também reconhece os limites do multilateralismo para lidar com ele. Este ano, o Brasil sediará a conferência climática COP30, na cidade de Belém — localizada na fronteira com a Amazônia, escolhida para chamar a atenção para a crise do desmatamento. No entanto, é difícil imaginar que isso trará mudanças radicais. Os países europeus, em particular, parecem propensos a doar menos, pois lutam para destinar mais de seus orçamentos para despesas militares. Lula deu de ombros. “Não acredito em dinheiro de países desenvolvidos”, disse ele. “Prometeram US\$ 100 bilhões em 2009 e ainda não entregaram. Já se passaram dezesseis anos. Agora a necessidade é de US\$ 1,3 trilhão — e eles não vão entregar.”

Lula defende um mundo em que as grandes potências pudessem competir sem recorrer à guerra e em que cooperassem mais estreitamente em prioridades como a fome e as mudanças climáticas. Não lhe passa despercebido que o Brasil, como economia em desenvolvimento, depende da manutenção de relações amigáveis, mesmo que isso

signifique fazer parcerias com países com sistemas e valores extremamente divergentes. “Precisamos dizer: ainda bem que temos a China que, de uma perspectiva tecnológica, é muito avançada e pode competir no mundo tecnológico da I.A., dando-nos uma alternativa para este debate”, disse ele. Em sua opinião, a animosidade das potências ocidentais em relação à China foi motivada pelo comércio, e não por seus abusos aos direitos humanos ou por suas ameaças de invadir Taiwan. “Sou de uma geração que aprendeu na década de oitenta, através de Reagan e Margaret Thatcher, que a melhor coisa para o mundo era a globalização e o livre comércio. Os produtos deveriam fluir livremente pelo mundo. O dinheiro deveria fluir livremente pelo mundo.”

A China, disse ele, apenas adotou essa teoria junto com todos os outros. “A China começou a produzir tudo o que era produzido nos EUA e na Europa. Não se conseguia comprar um único par de calças, sapatos ou uma camisa que não dissesse ‘Made in China’. Eles copiaram tudo com muita habilidade e aprenderam a produzir tão bem ou melhor. Agora que os chineses se tornaram competitivos, eles se tornaram os inimigos do mundo”, acrescentou irritado. “E nós não aceitamos isso. Não aceitamos a ideia de uma segunda Guerra Fria. Aceitamos a ideia de que quanto mais semelhantes os países forem – tecnológica e militarmente avançados – mais eles devem conversar entre si, porque não tenho certeza se o planeta pode suportar uma Terceira Guerra Mundial.”

Ele insiste no pacifismo de uma forma idealista incomum entre os líderes mundiais. “No ano passado, o mundo gastou US\$ 2,4 trilhões em armas, enquanto 730 milhões de pessoas vão dormir todas as noites sem saber se

terão café da manhã ao acordar”, disse ele. “Essa deveria ser a principal preocupação da humanidade.” Mesmo depois que a Rússia invadiu a Ucrânia, ele resistiu a tomar partido. “Meu amigo Olaf Scholz veio aqui, sentou-se naquele sofá e pediu ao Brasil para vender mísseis para que ele pudesse enviá-los à Ucrânia. Com todo o respeito, eu disse que não venderia, porque não queria que nenhum ucraniano ou russo morresse com uma arma brasileira”, diz lembrando uma reunião com o ex-Chanceler alemão.

Assim como alguns na esquerda (e muitos na direita), ele criticou os EUA e a Europa por financiarem os esforços para confrontar Putin na Ucrânia. “Quando você encurrala o inimigo, você precisa ter a força para derrotá-lo, e não é fácil derrotar a Rússia”, disse Lula. “Eu discuti isso com Biden. E Biden ficava dizendo: ‘Nós vamos destruir Putin, e ele terá que reconstruir a Ucrânia’. O que vai acontecer agora? Se a paz acontecer, organizada por Trump, ele ganhará o Prêmio Nobel da Paz, e a Europa terá que pagar pela OTAN, terá que financiar a guerra e terá que reconstruir a Ucrânia.”

Algumas semanas antes, Lula havia instado a Rússia a interromper a guerra. “Liguei para Putin e disse: ‘Putin, acho que é hora de você voltar à política. Dê um fim nisso. O mundo precisa de política, não de guerra. Sentimos sua falta. Não há pessoas suficientes para se sentarem à mesa e discutirem o destino do planeta: o que queremos para a humanidade?’”

Lula ridicularizou o desejo de Trump de tomar a Groenlândia e o Canadá. “A única coisa que resta para ele tomar é a Antártica”, disse ele. “Por que a Rússia e os EUA querem aumentar seus territórios se nem sequer conseguem administrar o que já possuem?” Em sua opinião, a postura global

de Trump, do vice-presidente J. D. Vance e de Musk é uma séria ameaça. “Eles são negacionistas das instituições que garantem a democracia em todo o mundo”, disse ele. “O fato de o vice-presidente dos EUA interferir na política da Alemanha já é um crime. Eu nunca fui a outro país para interferir em uma eleição!” Ele sugeriu que a retórica belicosa acabaria por prejudicá-los. “A princípio, pode parecer bom”, disse ele. “Mas o resultado pode ser muito pior do que o que eles estão criticando. Quando você solta uma fera selvagem, depois não sabe como controlá-la.”

Pouco antes dessa conversa, o governo dos EUA havia anunciado uma tarifa de vinte e cinco por cento sobre o aço brasileiro. “Haverá reciprocidade”, disse Lula. “Mas, antes que haja reciprocidade, queremos mostrar aos EUA o que representam duzentos anos de relações diplomáticas e comerciais entre o Brasil e os EUA.” Ele salientou que os EUA tiveram um superávit comercial de US\$ 7 bilhões com o Brasil no ano passado, incluídas as importações de aço. “O que os EUA importam do Brasil, eles transformam e depois exportam de volta para o Brasil”, disse ele. “É uma via de mão dupla, então acho que isso será prejudicial para os EUA. Da nossa parte, queremos negociar diplomaticamente. Se não houver possibilidade, tomaremos medidas.”

Quando perguntei a ele se Trump o havia procurado, ele disse que não. “Se, como representante dos estados unidos, ele quiser falar com Lula, o representante do estado brasileiro, falarei com ele calmamente”, disse ele. “Mas até agora eu também não tive nenhum interesse em falar com ele. Se algum dia tiver um problema e precisar ligar para ele, ligarei.” ■

Tradução automática com edição e revisão da jornalista da redação Fernanda

Otero

Em 1988, movimento negro do PT já mostrava sua força ao desmistificar “fim da escravidão” no país

Boletim informativo do partido, publicado pouco antes do centenário da Abolição, está disponível no Centro de Memória da Fundação Perseu Abramo

Henrique Nunes

A edição de abril de 1988 do Boletim Nacional do Partido dos Trabalhadores antecipou em sua capa o marco de 100 anos da Abolição da Escravatura no Brasil. Longe de qualquer celebração, a publicação já questionava no título o próprio processo abolicionista, que não poderia ser considerado um “milagre” de salvação da população negra ocorrido em 13 de maio de 1888.

Com o título “Um século de lutas pela abolição de preconceitos”, o boletim deixava claro o posicionamento crítico da legenda e antecipava debates que hoje permanecem centrais na política racial brasileira. O material está disponível no Centro de Documentação e Memória Sérgio Buarque de Holanda (CSBH), da Fundação Perseu Abramo.

“O movimento negro do PT pretende participar ativamente dos ‘festejos’ do Centenário da Abolição. Mas irá participar de forma crítica e desmistificadora. O que significa abolir? Extinguir, acabar ou revogar?”, questiona o sociólogo Florestan Fernandes em artigo publicado na edição.

O texto segue apontando que “o 13 de maio foi um ato de romantismo político (do ponto de vista da Casa Imperial) e jogou contra o trono a fúria dos últimos senho-

res de escravos. De fato, a escravidão esgotara-se como modo de produção”, ao mesmo tempo em que a mão de obra nas lavouras já vinha sendo substituída por trabalho livre.

Florestan também propõe que seria necessário realizar uma nova abolição, desta vez voltada para os reais interesses da população negra, com igualdade de oportunidades e inserção plena na sociedade. “Daí ser imperioso o desmascaramento da história – a começar pelo 13 de maio e pela realidade concreta de uma República que só é democrática para os de cima. A emancipação coletiva dos de baixo, no estágio atual, exige que o PT se volte para o passado e descubra qual era a essência do 13 de maio. Como outras manifestações históricas similares, o 13 de maio foi uma revolução social dos brancos, pelos brancos e para os brancos dos estratos sociais dominantes.”

[Leia o boletim na íntegra: Boletim Nacional do PT – Abril de 1988 \(PDF\)](#)

Farsa racial

Em outro artigo, o advogado Hédio Silva Júnior entrevista o ex-governador do Rio Grande do Sul, Olívio Dutra, então um dos principais porta-vozes das lutas antirracistas dentro do partido. Já no título, a crítica à narrativa oficial sobre a Abolição é direta: “A democracia racial no Brasil é uma farsa”.

“O PT entende que a população negra – que, aliás, é maioria em nosso país – não tem o que comemorar no Centenário. Isso porque a lei assinada pela princesa Isabel foi a grande saída encontrada pela monarquia para manter sua base de dominação e, na prática, transformou milhões de escravizados em despossuídos, marginalizados e discriminados”, afirmou Dutra.

Sobre as comemorações previstas para aquele ano, ele reforçou que o partido teria uma postura crítica: “O PT vai participar do Centenário com uma posição crítica e não festiva. Neste sentido, a Secretaria Nacional de Movimentos Populares criou um grupo de trabalho que está preparando uma série de atividades para este ano, as quais serão desenvolvidas juntamente com as diversas Comissões e Secretarias de Negros organizadas nos estados.”

O boletim também destaca o pioneirismo do PT na mobilização de movimentos negros e na inclusão de lideranças negras no partido. Em 1988, foram realizadas reuniões preparatórias para o II Encontro Nacional “O PT e a Questão Racial”, que aconteceria em setembro daquele ano em Vitória, no Espírito Santo. Antes disso, foram promovidos encontros regionais para a escolha de delegados e definição da pauta.

A publicação ainda resgata a trajetória política de Benedita da Silva, uma das primeiras mulheres negras a conquistar espaço na política institucional. Ela foi eleita vereadora do Rio de Janeiro em 1982, tornando-se a primeira mulher negra a ocupar esse cargo na cidade. Em 1986, foi eleita deputada federal constituinte, sendo uma das poucas mulheres e a única mulher negra na Assembleia Nacional Constituinte de 1987–1988, responsável pela elaboração da atual Constituição Federal.

Benedita é reconhecida como uma figura histórica na luta por igualdade racial, de gênero e justiça social no Brasil. ■



Reprodução

Com inscrições abertas, serviço da FPA apoia militância para trabalho de base

Podem se inscrever militantes de diferentes áreas de atuação; atendimentos ocorrem via zoom com hora marcada

Claudia Rocha

O ativismo, em especial nas periferias brasileiras, nas mais diferentes frentes de atuação, é muito importante para a construção cotidiana do Partido dos Trabalhadores. Neste sentido, desde o ano passado, a Fundação Perseu Abramo atua mais fortemente sobre o assunto, por meio de um grupo temático sobre trabalho de base.

De acordo com Wellington Souza, monitor do projeto, os trabalhos começaram a partir de um grupo piloto com cerca de 20 pessoas debruçadas sobre o tema

em diferentes áreas. “Muitos militantes dentro do partido tem uma causa, uma bandeira a qual defendem, algo pelo o qual lutam, e muitas vezes esses militantes têm dificuldade em começar um trabalho de base, em viabilizar, colocar as ideias em prática”, pondera Souza.

Após o período inicial com testes e encontros presenciais, no início deste ano, o grupo entrou em uma nova fase, colocando em prática um serviço de atendimento ao trabalho de base. “A metodologia é a partir desses formadores que foram selecionados, eles prestam atendimento, tiram as dúvidas das pessoas interessadas que preencheram um formulário que distribuimos online. Algumas

já tem um trabalho iniciado, outras ainda vão começar”, explica o monitor.

A ideia, segundo a organização, é que os atendimentos se encaixem na rotina agitada da militância, com encontros rápidos via Zoom, com cerca de 30 minutos de duração. “Os feedbacks que estamos recebendo estão muito positivos porque a militância sente que o partido está olhando para essa questão, se sentem acolhidos”, diz Souza.

As inscrições para o serviço podem ser feitas no site do projeto. Além disso, a página disponibiliza também uma série de vídeos de apoio bastante didáticos com um passo a passo para militantes que queiram iniciar este tipo de traba-



lho e uma cartilha com orientações.

A força militante

“Eu só juntei tudo o que já acontece na periferia. A cultura dentro da periferia é viva, é orgânica”, diz o idealizador do Muvuca Cultural, evento que reúne apresentações culturais, serviços de beleza afro e brinquedos para as crianças das comunidades em Porto Alegre.

Gaúcho, criado na região da grande Cruzeiro, na zona sul da capital, Agnaldo Munhoz, 48 anos, tem propriedade para falar sobre a importância da realização de atividades culturais na perife-

ria e é um exemplo, dentre tantos, do perfil militante que o programa pretende atrair.

Nos anos 90, vivendo uma realidade na qual imperava a convivência com gangues, responsáveis por furtos e pequenos roubos, o produtor cultural conseguiu escapar das estatísticas, como ele costuma dizer, quando começou a ouvir rap. “A morte sempre foi algo que esteve muito perto de mim”, lembra.

Do rap ao entendimento da vastidão da cultura hip-hop, o jovem Agnaldo viu sua autoestima melhorar até que, em 1998, criou o grupo Dinastia Negra Absoluta, conhecido também como DNA

MCs. “Além da música, a gente fazia grupos de estudos com a temática negra, meu letramento racial começou ali”, conta Munhoz.

A partir do estabelecimento do grupo de rap, começaram as apresentações, inicialmente, na periferia, em quermesses, quando, por necessidade, seu talento como produtor cultural aflorou junto com o sucesso na música.

Enquanto o rap da periferia de Porto Alegre ganhava a cidade e outros estados a partir de produções realizadas por seus integrantes, a cultura hip hop local estava engajada na eleição de Olívio Dutra (PT) para o governo do estado. Com a vitória do petista, a TV Educativa abriu um espaço para que a militância cultural desta cena pudesse ter um programa, o “Hip Hop Sul”, que durou 13 anos, com Agnaldo na apresentação.

“O hip hop é uma comunicação de massa”, opina Munhoz. Para ele, uma experiência bastante significativa para o intercâmbio entre a produção cultural e a política foi a do Orçamento Participativo, do qual foi delegado nos anos 90. “Quando eu percebi, eu já era um fomentador cultural da minha quebrada”, diz.

Após uma trajetória de militância no PCdoB na juventude, e a jornada na comunicação e na música no início da fase adulta, Agnaldo Munhoz se filiou ao PT, logo após a prisão do presidente Lula. Na construção do mandato da deputada Maria do Rosário, desde 2022, elaborou o projeto conhecido como “Muvuca Cultural”, citado no início da reportagem.

Para o agente cultural, além de fomentar a cultura periférica, o projeto propicia um intercâmbio com a militância de outras regiões. Com mais de 70 artistas e cerca de 800 pessoas impactadas indiretamente a cada edição, o Muvuca Cultural já foi realizado na Lomba do Pinheiro, Grande Restinga e COHAB Cavalhada. ■



Fundação Perseu Abramo promove seminário sobre BRICS com participação de Dilma Rousseff

Evento discute os rumos do bloco econômico formado por 11 países, sob presidência temporária do Brasil

Redação Focus Brasil

Na próxima terça-feira (20), a Fundação Perseu Abramo realiza o seminário “BRICS no Brasil: perspectivas e desafios”, que terá participação online da ex-presidenta Dilma Rousseff, atual presidenta do Novo Banco de Desenvolvimento (NDB) — instituição financeira criada pelos países do bloco BRICS.

O evento antecede a Cúpula de Líderes do BRICS, que será realizada em julho no Rio de Janeiro, com o Brasil na presidência do grupo. A participação de Dilma

irá abordar o papel do banco no financiamento de projetos nos países-membros e os desafios de integração econômica e política em um cenário global em transformação.

Participam ainda do debate o diretor de Cooperação Internacional da FPA, Valter Pomar; o representante da Fundação Friedrich Ebert, Jan Souverein; e os embaixadores Mauricio Lyra e Audo Faileiro.

O BRICS é hoje composto por 11 países: Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul, Arábia Saudita, Egito, Emirados Árabes Unidos, Etiópia, Indonésia e Irã — um conjunto que representa parte significativa da população e da economia mundiais.

O seminário será realizado presencialmente no Auditório Antonio Candido, na sede da FPA em São Paulo, com entrada gratuita, e também contará com [transmissão ao vivo no canal da Fundação no YouTube](#).

Serviço

Seminário “BRICS no Brasil: perspectivas e desafios”

Data: terça-feira, 20 de maio de 2025

Horário: a partir das 9h Local:
Auditório Antonio Candido – Fundação Perseu Abramo

Rua Francisco Cruz, 234 – Vila Mariana, São Paulo/SP

Transmissão online: youtube.com/@FundacaoPerseuAbramo

Entrada gratuita ■



FÉ E DEMOCRACIA
PARA A MILITÂNCIA
EVANGÉLICA BRASILEIRA

**INSCRIÇÕES
ABERTAS**

garanta a sua vaga:



fpabramo.org.br ou enfpt.org.br



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Fundo dos Trabalhadores

SISTEMA NACIONAL
DE FORMAÇÃO E
EDUCAÇÃO POLÍTICA

Curso gratuito online “Fé e democracia para militância evangélica brasileira”

Formação visa fortalecer o diálogo entre fé e democracia, combater a desinformação e incentivar o engajamento político consciente entre evangélicos

Fernanda Otero

A Fundação Perseu Abramo está com inscrições abertas, até 25 de maio, para o curso “Fé e Democracia para Militância Evangélica Brasileira”, de forma online e acesso gratuito.

Com duração de um mês e início previsto para o fim de maio, o curso terá aulas expositivas, palestras e debates com lideranças evangélicas de diferentes denominações e regiões do país. As atividades serão realizadas semanalmente, às quartas-feiras à noite e sábados pela manhã. A iniciativa é voltada para filiados, dirigentes e militantes do PT, além de lideranças sociais e religiosas.

O curso “busca fortalecer o diálogo entre a fé cristã e a democracia, valorizando a identidade evangélica de quem luta por justiça, direitos e igualdade”, explica o Reverendo Luis Sabanay, teólogo, pastor presbiteriano e coordenador do Núcleo de Estudos sobre Religião da Fundação Perseu Abramo. Ele diz que no Brasil, a religião é parte do cotidiano, da cultura popular, da vida das comunidades. “Nas periferias, no campo e nas cidades, a fé evangélica está presente onde o Estado muitas vezes falha. As igrejas

acolhem, escutam, organizam a solidariedade. Por isso, a religião não pode ser ignorada no debate público, pois ela expressa os valores, os medos, as esperanças do povo. Para compreender a realidade brasileira e fazer política de verdade, é essencial dialogar com a fé do povo, com escuta, respeito e compromisso”, aponta.

O coordenador explica que “as políticas públicas mudam a vida real do povo, e isso se reflete nas igrejas. Quando tem escola, posto de saúde, segurança e comida na mesa, a dignidade chega junto. O curso mostra que fé e cidadania caminham juntas. Apoiar políticas públicas que atendam os mais pobres, protejam as mulheres, incluam a juventude e combatam o racismo é uma forma concreta de viver o Evangelho”, propõe ele. Sabanay reforça que “o curso convida a militância e as suas comunidades a reconhecerem sua força social e política, e convida os partidos a ouvirem esse povo com respeito e seriedade”.

Combate à desinformação

O curso vai preparar “lideranças e militantes para enfrentar a desinformação, promover a inclusão social e defender os direitos das mulheres, da juventude e do povo negro, a partir da fé”. Estruturado com módulos de conteúdo teórico e desafio prático, os parti-

cipantes construirão uma proposta política direcionada ao PT e ao governo Lula, para “ajudar a construir pontes entre a experiência religiosa e a participação política concreta”.

Ele preocupa-se com a disseminação de desinformação, principalmente quando se utiliza narrativas religiosas, que tem gerado polarização e manipulação no meio evangélico. A desinformação, especialmente quando usa a linguagem da fé, tem causado confusão e divisão. O curso enfrenta isso estimulando o engajamento político consciente, mostrando que a participação cidadã é também uma expressão de fé com formação acessível, bíblica e crítica. “Em cada aula, há uma prática concreta, como dialogar com quem pensa diferente ou desmentir boatos com base nos fatos e na fé. O engajamento político nasce daí: da consciência de que o povo de fé também pode, e deve participar das decisões que afetam sua vida.”

Corpo de palestrantes

O curso contará com palestras e aulas de Bernadete Adriana Alves de Lima – São Paulo, ligada à Igreja Pentecostal Missão Filadélfia; Elenízia da Mata – Goiás, Membro da Igreja de Cristo de Goiás; Pastor Oliver Goiano – Rio de Janeiro, Coordenador nacional do Núcleo Evangélico do PT; Daniela Frozi – Distrito Federal, Doutora em Nutrição; Integra o Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea); Diretora executiva do Instituto Djanira; Cricielle Muniz – Maranhão, Diretora do Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IEMA); Suplente de deputada estadual; Membro da Executiva Nacional do PT e Nilza Valéria – São Paulo, Coordena a Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito. ■

O resgate de um povo

O senador Beto Faro destaca os esforços do governo Lula no resgate humanitário dos yanomami

Beto Faro

Logo após tomar posse em 2023 e, em seguida, derrotar os golpistas do 8 de janeiro, o presidente Lula viajou a Roraima para verificar, in loco, a tragédia humanitária que impunha ameaça de extinção ao povo Yanomami. Lula deparou-se com um quadro sobretudo revelador da falta de limites para a estupidez, insensibilidade e crueldade de setores das nossas elites dirigentes. Mortes em escala, por inanição, abandono, e violência contra todo um grupo étnico no Brasil. Fartamente documentado pela imprensa, configurava-se verdadeiro campo de concentração no extremo Norte do país, com seres humanos física e moralmente destruídos, moribundos em meio um meio ambiente já sem vida pelo nível de envenenamento e devastação promovidos, em especial, pelo garimpo ilegal e criminoso em todos os sentidos.

As comunidades yanomami situadas principalmente na fronteira entre Brasil e Venezuela migraram para a América do Sul a partir da Ásia, há cerca de 15.000 anos. A despeito do genocídio incidindo sobre uma etnia milenar indefesa, assistia-se naquele pedaço do Brasil à 'incineração' de conhecimentos tradicionais, associados a uma rica biodiversidade de valor inestimável para o mundo, também em processo erosivo. Subjacente, estava em andamento danos históricos e antropológicos irrepará-

veis. Que a história registre para sempre o legado mórbido do período Bolsonaro traduzido, principalmente, pela fração dos mais de 700 mil brasileiros mortos por conta da negligência institucional na pandemia e pelo aumento de 331% no número de mortes de indígenas yanomami, somente por desnutrição.

Assombrado com que viu em Roraima, Lula comentou: se alguém me contasse que aqui em Roraima havia pessoas sendo tratadas de forma tão desumana como eu vi o povo Yanomami sendo tratado, eu não acreditaria. Comovido, acrescentou: vamos tratar os nossos indígenas como seres humanos. Vamos dar a eles a dignidade que merecem: na saúde, na educação, na alimentação e no direito de ir e vir. Essas pessoas vão ser tratadas decentemente.

Desde então, Lula mobilizou toda máquina do governo, incluindo as forças armadas, numa verdadeira operação de guerra para salvar os yanomami. Dois anos depois, os resultados dessa operação foram retratados por meio de uma matéria emocionante veiculada pelo Fantástico, da Rede Globo, no domingo passado. O garimpo ilegal caiu 96% na Terra Indígena Yanomami. As crianças, antes, prostradas pela fome e doenças, agora, fisicamente recuperadas, correm e brincam com brilho nos olhos. As roças de banana e mandioca, já próximas da colheita, sinalizam o retorno da autonomia alimentar. Em breve, não será mais necessário o envio de cestas básicas. Os postos de

saúde funcionam normalmente, subutilizados. A floresta, as águas e os animais restabelecem a exuberância e funcionalidade para a garantia do estilo de vida dos indígenas e de sua convivência em harmonia com a natureza. O que antes era desespero, em tão pouco tempo passou a ser esperança, dignidade e vida.

Leia mais – Governo Lula promove resgate humanitário e mortes dos Yanomami têm queda histórica

A “guerra” não está totalmente vencida pois a destruição alcançou larga escala e as ameaças ainda rondam perigosamente o território daqueles brasileiros e brasileiras. Mas o governo cada vez mais fortalece a sua presença e suas ações na área por meio da Casa de Governo em Roraima, reunindo sob uma única coordenação sete ministérios para de forma integrada proteger e atender as demandas dos yanomami. Faço uma menção especial à atuação dos nossos militares que, sob as ordens do seu comandante Supremo, aplicaram golpe fatal nos agentes promotores da violência e morte entre os ianomami. Ah, certamente economistas e articulistas ligados aos mercados devem estar enfurecidos com os impactos fiscais do resgate humanitário dessa etnia. Que a escolha do novo Papa Leão XIV sensibilize alguns corações e o gesto de Lula seja aplicado, também, no resgate da população massacrada em Gaza. ■

Beto Faro é senador do PT pelo Pará



José Cruz/Agência Brasil

Pepe Mujica, o herói da simplicidade

Ex-presidente uruguaio morreu nesta terça-feira (13) após luta de décadas contra diversos problemas de saúde

Henrique Nunes

Num de seus depoimentos mais célebres, compartilhado à exaustão nas redes sociais, José “Pepe” Mujica

defende o que sempre pareceu um contrassenso vindo de um líder progressista de grande influência nas últimas décadas:

“Inventamos uma montanha de consumos supérfluos. Descarta-se. Compra-se. Mas o que se gasta é tempo de vida. Porque quando compro algo, não com-

pro com dinheiro. Compro com o tempo de vida que tive que gastar para ter aquele dinheiro. Mas tem uma diferença. Tudo se compra menos a vida.”

O depoimento é a síntese da vida que levou Pepe, eleito presidente do Uruguai entre 2010 e 2015. Foi nesse período que o pe-



queno país sul-americano passou a ganhar status de uma das mais expressivas forças de esquerda no mundo, ao colocar em prática medidas como a legalização do aborto, do casamento entre pessoas do mesmo sexo e do consumo de maconha — todas ainda inéditas até mesmo em países do hemisfério norte onde os temas já eram amplamente debatidos.

Luta contínua

José “Pepe” Mujica, ex-presidente do Uruguai e símbolo global de integridade política, faleceu nesta terça-feira, 13 de maio de 2025, aos 89 anos, em sua residência rural nos arredores de Montevideo.

A causa da morte foi um câncer de esôfago diagnosticado em 2024, que evoluiu para metástase no fígado. Em janeiro deste ano, Mujica anunciou publicamente que não se submeteria a novos tratamentos, optando por cuidados paliativos e pedindo para ser

deixado em paz: “O guerreiro tem direito ao seu descanso”.

A morte foi confirmada pelo atual presidente uruguaio, Yamandú Orsi, em comunicado oficial: “Com profunda dor comunicamos que faleceu nosso companheiro Pepe Mujica. Presidente, militante, referência, liderança. Vamos sentir muito sua falta, velho querido! Obrigado por tudo que nos deste e por teu profundo amor pelo seu povo”.

Um presidente ouvido pelo mundo

Não foi só pelo que fez na cadeia mais alta do Uruguai que Mujica fez história. Na juventude, integrou o grupo guerrilheiro de esquerda Movimento de Libertação Nacional-Tupamaros, sendo preso várias vezes durante a ditadura militar (1973–1985) e passando quase 15 anos na prisão.

Após a redemocratização do país, entrou para a vida política institucional, ajudando a fundar a

coalizão de esquerda Frente Ampla. Foi eleito deputado, senador e, mais tarde, presidente.

Além da gestão pioneira, Mujica ficou conhecido por seu estilo de vida simples: doava a maior parte de seu salário e vivia com sua companheira em uma chácara modesta nos arredores de Montevideo. Desde então, tornou-se uma referência mundial por sua humildade e seu discurso ético sobre o consumo, a justiça social e a política. “A política não é uma profissão para te fazer rico (...) Não sou pobre. Pobres são os que necessitam muito. Eu, com o pouco que tenho, me satisfaço”, afirmou em várias ocasiões.

Após deixar a presidência, continuou ativo na política e na promoção de valores humanistas, embora cada vez mais recluso.

Pepe Mujica revelou publicamente, em abril de 2021, que sofria de uma doença imunológica crônica chamada vasculite, que compromete o sistema imunológico e os vasos sanguíneos. Também era portador de lúpus, uma doença autoimune. Embora convivesse com essas condições há anos, só as tornou públicas ao renunciar ao cargo de senador em 2020, explicando que a pandemia de COVID-19 representava um risco maior para sua saúde, devido à sua condição e idade.

Pepe Mujica lutava contra a doença desde antes de 2020, mas o tempo exato do diagnóstico não foi amplamente divulgado. Faleceu na tarde desta terça-feira (13), em Montevideo, com a simplicidade com a qual conduziu toda a sua vida. Como ele mesmo nos ensinou: “A vida escapa de você minuto a minuto, e não dá para ir ao supermercado comprar mais vida.”

Os detalhes sobre os serviços fúnebres ainda não foram divulgados pelas autoridades uruguaias. ■



Lula propõe mediação de paz na Ucrânia e critica corrida armamentista

Em Moscou, presidente reforça postura diplomática, condena gastos com armas e destaca papel histórico da Rússia na luta contra o nazismo

Redação, com informações da Agência PT

Durante entrevista coletiva em Moscou, no último sábado (10), o presidente Lula reiterou o compromisso do Brasil com a paz e defendeu a criação de um grupo de países — ao lado da China — para mediar o fim da guerra entre Rússia e Ucrânia. A fala encerrou sua visita à capital russa, onde participou das comemorações dos 80 anos do Dia da Vitória, em memória à derrota do nazismo na Segunda Guerra Mundial.

“Dissemos ao presidente Putin aquilo que o Brasil vem dizendo desde o início do conflito: somos contra a ocupação territorial de qualquer país”, declarou Lula. Ele reforçou que a disposição para mediar o conflito depende da aceitação dos dois lados e criticou a escalada armamentista na Europa. “O Brasil acha uma loucura incentivar guerra. Estão gastando trilhões de dólares com armas quando o mundo precisa de investimentos em educação, saúde e comida”, afirmou.

Na ocasião, o presidente também destacou os avanços da economia brasileira, mencionou investigações em curso na área da Previdência e respondeu às

críticas por participar do desfile do Dia da Vitória. Segundo Lula, a presença no evento é simbólica e reflete o compromisso histórico com a democracia e os direitos humanos. “A Rússia perdeu 26 milhões de pessoas na guerra. Precisamos lembrar disso para nunca mais permitir que coisas como o nazismo aconteçam novamente”, disse.

O presidente ainda reforçou a defesa de uma política externa independente e voltou a cobrar uma reforma no Conselho de Segurança da ONU. “O Brasil não é quintal de ninguém. Queremos um mundo multipolar, mais justo e com instituições reformadas”, concluiu. ■



Índia e Paquistão estabelecem cessar-fogo após ataques em Caxemira

Da redação

Índia e Paquistão anunciaram no sábado, 10/05, um acordo de cessar-fogo na região após ataques mútuos no pior combate em mais de duas décadas entre os países que têm uma disputa territorial de longa data sobre a Caxemira onde parte do território é administrada pelo Paquistão e parte pela Índia.

A escalada começou após um ataque terrorista em Pahalgam, Caxemira, em 22 de abril, que matou 26 turistas hindus. A Índia culpou grupos com base no Paquistão. Nos dias que se seguiram ao atentado, ambos os lados usaram mísseis, drones e artilharia, com dezenas de mortes civis relatadas.

Autoridades de segurança paquistanesas afirmaram que um dos termos do cessar-fogo foi um

acordo para que futuras negociações ocorram em um terceiro país, com os Emirados Árabes Unidos sendo cogitados como possível sede.

O exército indiano afirmou em um comunicado no domingo à noite: “A noite foi majoritariamente tranquila em Jammu e Caxemira, e em outras áreas ao longo da fronteira internacional.”

Na Caxemira administrada pela Índia, equipes de especialistas foram enviadas para as áreas fronteiriças para desativar bombas não detonadas, enquanto dezenas de milhares de pessoas que haviam sido evacuadas de suas vilas em regiões de fronteira voltaram para casa.

Comunidade internacional atua pela paz

O presidente dos EUA, Donald Trump, postou em sua rede social

Truth Social o anúncio do cessar-fogo. No entanto, o primeiro-ministro indiano, Narendra Modi, não mencionou o papel dos EUA no cessar-fogo. Em vez disso, manteve a posição da Índia de que foi o Paquistão que, no sábado, primeiro entrou em contato com o chefe das operações militares indianas para propor o cessar-fogo, e que foi o Paquistão que pediu ajuda à comunidade global.

O ministro das Relações Exteriores da China, Wang Yi, revelou que teve conversas telefônicas separadas na noite de segunda-feira com o vice-primeiro-ministro e ministro das Relações Exteriores do Paquistão, Ishaq Dar, e com o conselheiro de Segurança Nacional da Índia, Shri Ajit Doval.

Ele destacou que muitos países também desempenharam um papel positivo no alívio das tensões entre as duas partes e acrescentou que a China acolhe e apoia o avanço das conversas entre os dois países.

Detalhes do cessar-fogo

O acordo de cessar-fogo entrou em vigor no sábado, 10/05/2025, às 17h30 (IST), e inclui a retirada gradual de tropas da Linha de Controle (LoC), o estabelecimento de uma linha direta militar 24h e a verificação conjunta por satélite de movimentos de tropas.

A mediação envolveu os Emirados Árabes Unidos, que forneceu a plataforma diplomática em Abu Dhabi; a Arábia Saudita, responsável pelo financiamento da reconstrução pós-conflito; e a Suíça, que ofereceu verificação tecnológica do processo de desmilitarização.

As próximas etapas incluem uma reunião técnica em Mascate (15/05), discussões sobre a Caxemira em Genebra (22/05) e uma cúpula ministerial em Doha (01/06). ■



Baixe grátis 4 biografias da esquerda brasileira no site da FPA

Todos os livros foram publicados pela editora da instituição e estão disponíveis para download gratuito

Redação Focus Brasil

Na última quinta-feira, 8 de maio, o sindicalista Luiz Gushiken completaria 75 anos. Década após década, seu legado segue vivo não só na memória dos militantes do PT, mas nas práticas e valores que ajudou a semear.

Gushiken foi um dos fundadores e presidente do Partido dos Trabalhadores, comandou greves históricas como dirigente sindical e, como ministro-chefe da Secom no governo Lula, renovou a comunicação pública no país, levando diversidade e regionalização às

campanhas institucionais.

Dez anos após sua morte, o livro *A Nova Ordem: Luiz Gushiken recupera sua trajetória através das vozes de 67 autores* — entre eles Lula e Dilma —, que narram os caminhos e convicções de um militante essencial à história política do Brasil. Organizado por Fernanda Otero, [o livro está disponível no site](#) da Editora FPA e pode ser baixado gratuitamente.

Biografias editadas pela FPA

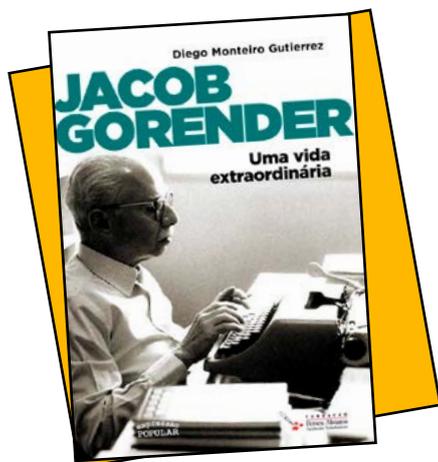
Além de uma grande diversidade de livros teóricos, que ajudam a compreender o contexto social e político do Brasil e do mundo, a editora da Fundação Perseu Abra-

mo conta em seu acervo com biografias que podem ser baixadas gratuitamente.

Além de nomes como o do presidente Lula e do ex-deputado federal Luiz Gushiken, cujas obras já foram divulgadas nas redes sociais da FPA, há também biografias de figuras como a de Jacob Gorender, intelectual baiano e marxista que lutou por uma sociedade mais justa e igualitária. O livro é escrito por Diego Monteiro Gutierrez.

Apesar de não exatamente uma biografia, o livro *Rememória* apresenta ao leitor o ponto de vista sobre o Brasil de diversos autores, oferecendo um grande panorama social e político do país.

A seguir confira a sinopse destes e outros livros e o link para baixar cada um deles.

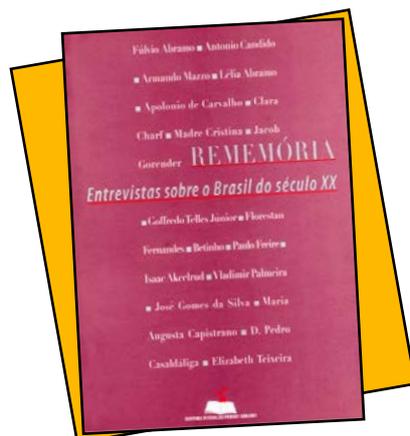


1

Jacob Gorender, uma vida extraordinária

Autor: Diego Monteiro Gutierrez

Biografia do intelectual baiano, militante comunista e historiador marxista Jacob Gorender (1923-2013). O autor traça um panorama sobre o filho de imigrantes russos judeus que, desde a juventude, se dedicou à luta por uma sociedade mais igualitária e justa, enquanto descreve o período em que Gorender lutou na Itália em meio à Segunda Guerra; a fundação do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR) e a tortura.



2

Rememória: Entrevistas sobre o Brasil do século XX

Autores: Ricardo de Azevedo e Flamarion Maués

Livro que reúne entrevistas publicadas nos últimos dez anos pela revista Teoria e Debate, resgatando importantes testemunhos sobre a história dos movimentos sociais no Brasil. Entrevistas com Antonio Candido, Paulo Freire, Goffredo Telles Júnior, D. Pedro Casaldáliga, Betinho, Fúlvio Abramo, Apolonio de Carvalho, Jacob Gorender, Florestan Fernandes, Lélia Abramo, Vladimir Palmeira, entre outros.



3

Santo Dias - Quando o passado se transforma em História

Autores: Luciana Dias, Jo Azevedo e Nair Benedito

Santo Dias, desde quando ele deixou a lavoura para integrar-se no exército dos trabalhadores da indústria. Tornou-se referência como um dos mais significativos líderes dos trabalhadores da indústria de São Paulo.



4

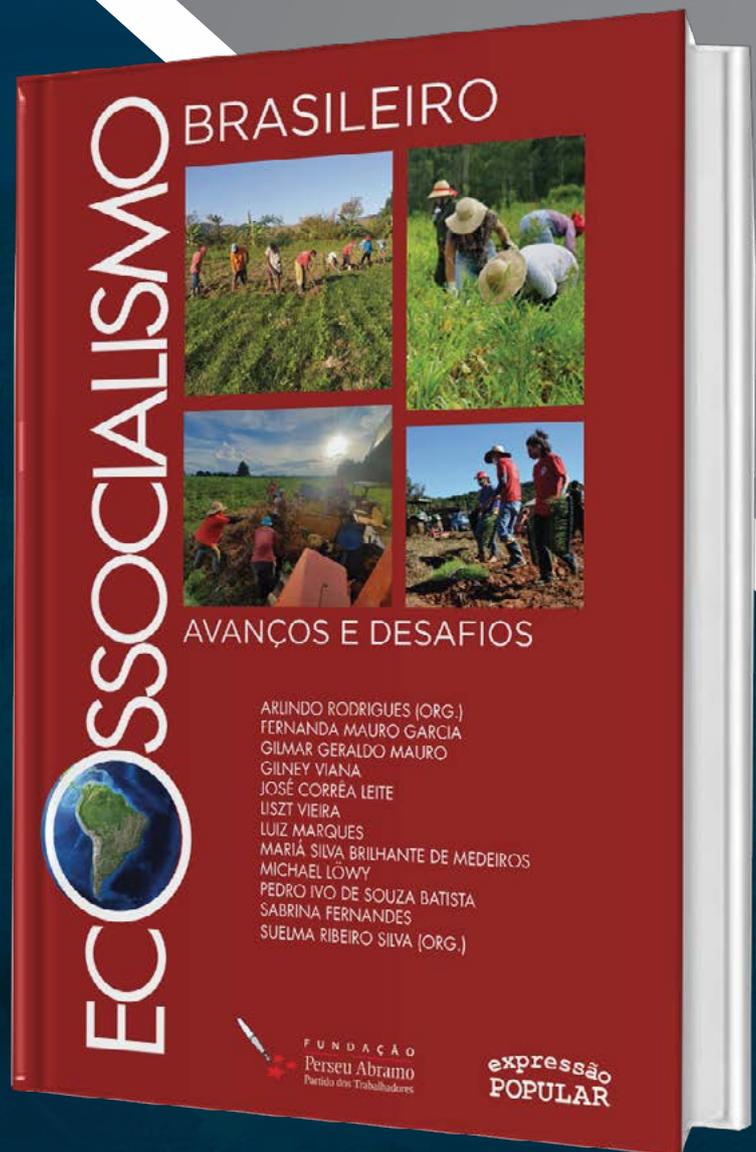
A alegria é uma responsabilidade política, a ginga, a audácia e a urgência de Diogo Sant'Ana

Autor: Camilo Vanucchi

No futebol e na política, fomos acostumados a narrar a história com base nos grandes feitos e em seus autores. Anotamos o nome de quem fez o gol, mas quase nunca de quem deu o passe. Atribuímos aos governantes a proeza dos grandes projetos, mas raramente sabemos quem deu a ideia e quem a tirou do papel. Diogo de Sant'Ana era do time dos realizadores. Incansável, dono de uma sensibilidade ímpar, o jovem advogado, nascido na periferia de São Paulo e formado pela USP, construiu uma trajetória que, em pouco tempo, inspirou duas gerações de militantes.

SAIBA MAIS SOBRE A **LUTA AMBIENTAL** INTERNACIONAL E BRASILEIRA

A segunda edição do livro **Ecosocialismo brasileiro – avanços e desafios** é uma leitura necessária! A realidade da crise climática nos obriga a encontrar respostas para a consolidação de um modelo de desenvolvimento voltado para a melhoria da qualidade de vida, distribuição de renda, acesso a serviços essenciais e a preservação das condições da regeneração ambiental.



ACESSE A VERSÃO ELETRÔNICA:

fpabramo.org.br/publicacoes/estante/ecossocialismo-brasileiro-avancos-e-desafios

Edição impressa disponível nas livrarias ou na loja virtual da coeditora, **Expressão Popular**.



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

**expressão
POPULAR**